

Proletários de Todos os Países: UNI-VOS!

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

PARA SOBREVIVER

SALAZAR PROCURA APOIAR-SE NA REACÇÃO INTERNACIONAL E DIVIDIR AS FORÇAS QUE NO PAÍS COMBATEM O SEU REGIME FASCISTA

É fora de dúvida que o regime salazarista se debate com contradições internas cada vez mais vivas. A última remodelação nos quadros dirigentes do partido fascista, União Nacional, é mesmo um reflexo disso. Manidas durante muito tempo nos marcos internos, essas contradições, pela agudeza que já tomaram, romperam para fora do edifício fascista.

As críticas desassombradas à política salazarista, até mesmo por pessoas que ainda há pouco apoiavam o regime, feitas no Congresso da Indústria e dos Economistas, ao mesmo tempo que evidenciam o agravamento da situação económica do país, cuja debilidade conflagrada não pôde mais ser escondida ante a perspectiva da criação do «mercado comum europeu» comprova a agudização daquelas contradições.

O salazarismo já não pode ocultar o seu crescente isolamento no plano interno e externo. No seu discurso do dia 4 Salazar reconheceu amargamente que, quanto a regime, se encontra praticamente só no mundo.

Procurando sobreviver, o salazarismo procura apoiar-se na reacção internacional. Nesse sentido, Salazar e Franco encontram-se em Ciudad Rodrigo onde procuraram ajudar-se mutuamente a rodear as dificuldades políticas e económicas, internas e externas em que ambos os regimes se debatem.

Salazar e Franco falaram em reforçar a sua aliança militar «pela atribuição de sentido e alcance económicos...». Nas condições actuais, o «alcance» económico é praticamente impossível de alcançar porque a maior parte dos produtos de exportação dos dois países é idêntica: vinhos, cortiça, conservas de peixe, frutas, têxteis, minérios, etc.. Não será pois, por aqui que Salazar e Franco conseguirão enfrentar a ameaça do «mercado comum europeu».

A par disso, especulando com a importância estratégica da península procuram negociar a sua cedência para a construção de bases atómicas e de projecteis teleguiados aos imperialistas americanos em troca dum maior apoio aos seus abalados regimes.

A ida de Creveiro Lopes ao Brasil traz o esforço do salazarismo em encontrar novos apoios nos círculos reacçãoários brasileiros. Mas as manifestações de protesto

e a denúncia do carácter do regime fascista de Salazar, por grande parte da imprensa brasileira, por diversos indivíduos, organizações políticas, sociais, de estudantes, etc., do Brasil, são a demonstração que os resultados da viagem de Creveiro Lopes não foram um êxito e ficaram bem longe das esperanças acalentadas pelos salazaristas.

O reforço da colaboração salazarista com os círculos reacçãoários e imperialistas da Inglaterra e de países como a África do Sul e a Namíbia, não podem esconder o crescente isolamento da camarilha salazarista no plano internacional.

Dividir para reinar

No plano interno, sentindo o perigo que representa para o seu regime a unidade de todos os democratas e anti-salazaristas, Salazar tem jogado, em primeiro lugar, com o papão do comunismo para assustar os seus adversários políticos. Ele não hesita mesmo em apelar de comunistas quase todos aqueles que se mostram discordantes com o seu regime fascista.

Para mal da causa da democracia e do nosso povo, Salazar tem conseguido êxitos com o seu papão comunista. Mas, agora, isto já não basta a Salazar. Verificando que forças políticas que até hoje se têm mantido neutras (e até mesmo fracções delas cola-

borado com ele no governo e na «União Nacional») começam a manifestar-se contrárias ao regime e a procurarem o seu próprio caminho independente de forma mais ou menos aberta, verificando isto, Salazar fomenta o ódio entre as várias forças políticas que se lhe opõem. Dividir para reinar é a sua consigna.

Aos monárquicos alira com a perspectiva de que a monarquia poderá ser uma solução nacional e face alogios à Família Bragança. Aos Republicanos vai dizendo que a Família Bragança é apenas berdeira de 8 séculos de história.

Assenar como a perspectiva da monarquia aos monárquicos, Salazar não pretende apenas evitar que estes passem, mais ou menos unidos, a uma acção independente, ele procura também acirrar os rancores e o ódio entre republicanos e monárquicos e assim impedir qualquer entendimento entre eles com vista a mudar um estado de coisas que não permite a uns e outros organizarem-se em partidos ou movimentos e que não permite também que os problemas políticos nacionais se debatam publicamente entre todos os portugueses que o desejem fazer.

Se Republicanos e monárquicos aspiram à liberdade política, se ambos desejam colocar à escolha do povo as soluções que

(continua na 2.ª pág.)

A RESOLUÇÃO DO PLENO DO C. C. DO P. C. U. S. REFORÇA O MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

De 22 a 29 de Junho esteve reunido o Pleno do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética que discutiu a acção fracçãoista do grupo anti-partidário formado por Malenkov, Kaganovitch e Molotov. A Resolução saída dessa reunião e aprovada unanimemente pelos 318 membros efectivos e suplentes do Comité Central e da Comissão Central de Controle, significa, antes de mais, que o Partido Comunista da União Soviética, encabezado pelo seu Comité Central, aplica intransigentemente as normas leninistas da vida interna do Partido e defende com energia a sua pureza, significa que, acima de tudo, está a defesa da unidade do Partido e dos sagrados interesses do povo.

Efectivamente, a Resolução do Pleno do C. C. do P. C. U. S. assenta em factos concretos e resulta dum análise colectiva às posições erradas das camaradas Malenkov, Kaganovitch e Molotov.

Como justamente salienta a Resolução, neste momento preciso em que todo o Partido e o povo se esforçam denodadamente por corrigir os erros do passado e caminhar avante na construção do comunismo, no cumprimento das históricas resoluções do XX Congresso, tais posições revelam que o grupo Malenkov-Kaganovitch-Molotov estava divorciado da vida do Partido e do povo, agarrado a pontos de vista antiquados e a métodos rolinheiros, dogmáticos e sectários de acção.

Ao resistir e obstar à aplicação da política leninista de coexistência pacífica e de alívio da tensão internacional, ao pronunciar-se contra as teses fundamentais apresentadas ao XX Congresso e aceites por todo o povo soviético e pelo movimento operário internacional, ao oferecer resistência obstinada ao esforço de todo o Partido para a liquidação das consequências do culto da personalidade e das infracções à legalidade socialista; ao lutar contra a ampliação dos direitos das Repúblicas Federadas, contra o apelo do Partido para alcançar os Estados Unidos na produção de leite, manteiga e carne PER CAPITA, contra medidas tão importantes como as da reorganização da direcção da indústria e do arroleamento das terras virgens; o grupo anti-partidário não só manifestava rolinheiro e espírito sectário, como também inpedido para aplicar e desenvolver o marxismo-leninismo de acordo com as novas condições históricas. Ao mesmo tempo, revelava falta de confiança na capacidade criadora do povo e nas enormes possibilidades da economia socialista, fechava os olhos aos êxitos já alcançados e levantava-se contra a vontade expressa do Partido e do povo.

Ao proceder assim, ao recorrer à intriga e ao contínuo contra o Comité Central para fazer vingar as suas ideias, o grupo constituído por Malenkov, Kaganovitch e Molotov, a que se juntou também Chipilov, violou grosseiramente o princípio leninista do centralismo democrático, violou os Estatutos do Partido, ergueu-se como fracção

contra o colectivo do Comité Central, revelou-se um grupo anti-partidário.

Os camaradas que constituíram o grupo fracçãoista foram incapazes de aproveitar a ajuda que o C. C. do P. C. U. S. se esforçou paciente e confiadamente por prestar-lhes, não souberam vencer coreosamente os seus erros como dirigentes marxistas-leninistas, para marchar em frente, em bloco monolítico, para a construção do comunismo na grande União Soviética, para o fortalecimento do campo da Paz e do Socialismo.

A luta de todo o P. C. U. S. contra as actividades do grupo anti-partidário, as energias medidas que foram unanimemente tomadas pelo Pleno do Comité Central constituem um precioso auxílio a todos os Partidos.

(continua na 2.ª pág.)

“HÁ FORÇAS DESTRUTIVAS MAS O HOMEM HÁ-DE SUPERÁ-LAS”

No decurso de uma entrevista concedida a Igrejas Caeiro ouvimos no Rádio Clube Português no dia 16 de Julho o grande escritor Aquilino Ribeiro integrar-se na campanha mundial contra as armas de extermínio em massa. Aquilino desfez a ideia de que as guerras são necessárias porque a técnica se desenvolve então rapidamente, afirmando que os progressos técnicos também se alcançam em tempo de paz. A emulação pela guerra é uma loucura; temos que ser ao contrário, capazes de criar a emulação pela beleza, disse em resumo Aquilino Ribeiro.

Sobre as armas atómicas, considera-as também uma loucura e pensa que devem ser suprimidas. Diz mais: que o homem há-de encontrar em si forças para destruir e superar as forças destrutivas que agora se apogem às armas de extermínio em massa. Mostra-se, por isso, confiante na futura aplicação da energia atómica para fins pacíficos, o que tornará daqui a alguns anos a vida muito mais agradável.

No final da entrevista, Aquilino Ribeiro enviou uma mensagem aos seus camaradas, proclamando a necessidade para todos os escritores de amarem a verdade e o progresso e de se baterem por uma e pelo outro. «A missão dos escritores é interessarem-se por todos os problemas do homem», afirmou Aquilino.

Os partidários da paz não podem deixar de se congratular com as palavras e a mensagem de Aquilino Ribeiro, feita com a experiência de vida que lhe dão os seus 72 anos de idade e o conhecimento dos problemas dos escritores e do homem em geral. Aquilino, que lançou o apelo para a Sociedade Portuguesa de Escritores (que veio a ser uma realidade arrebatada ao

salvaguarda dos imutáveis princípios leninistas da construção e funcionamento do Partido, das conquistas do socialismo, dos interesses do movimento operário internacional e da aplicação das históricas resoluções do XX Congresso do P. C. U. S. que encontraram o apoio unânime dos trabalhadores e dos povos de todo o Mundo, resolve: Manifestar inteiro apoio ao Pleno do Comité Central do P. C. U. S., na sua decidida acção de desmascaramento e de combate ao grupo anti-partidário formado por Malenkov, Kaganovitch e Molotov no seio do C. C. do P. C. U. S., na defesa do trabalho colectivo, na luta contra as consequências e as tentativas de sobrevivência do culto da personalidade e na aplicação das normas leninistas que regem a vida interna do Partido.

Esta Resolução, comprova também a continuidade da aplicação das históricas resoluções do XX Congresso, na construção do Comunismo pelo povo soviético e na luta pela defesa intransigente da Paz, da coexistência pacífica e do estreitamento da colaboração e amizade entre todos os povos do Mundo.

Junho de 1957.

O Comité Central do Partido Comunista Português

A PIDE PREPARA OUTRO CRIME SALVEMOS GEORGETE

Depois da melindrosa operação a que foi submetida há meses, Georgete não melhorou. Sendo logo em seguida reenviada para a prisão de Coxias, Georgete viu de novo a sua saúde agravada, a febre voltou, tornando-se permanente. Os carcereiros da PIDE, como ela não quizesse sujeitar-se a receber visitas dentro duns verdadeiros caixões, a que chamam parlários, foi castigada. Não lhe é permitido receber lanches e dinheiro. Se isto não bastasse, meteram-na numa das selas térras da prisão. A juntar a tudo isto, Georgete não tem aqui, praticamente não come, o que agrava a saúde desta patriota.

Dizem-nos que a PIDE lhe fornece boa comida e medicamentos. Mas, de que vale isso se Georgete não consegue comer e se não tem os cuidados médicos permanentes que a sua doença exigem?

Não é num ambiente de pressão permanente, sujeita a provocações constantes, de sobressaltos, NÃO É NA PRISÃO QUE GEORGETE PODE SER TRATADA. Para isso precisa de ser internada num hospital e submetida a uma observação e cuidados permanentes. SE ISTO NÃO FOR FEITO RAPIDAMENTE, A VIDA DE GEORGETE NÃO PODERÁ SER SALVA.

A PIDE espera que o seu estado se torne incurável e que se torne impossível salvá-la, para a enviar para casa ou para o hospital e assim eximir-se às responsabilidades.

Não o permitamos gente boa de Portugal! Não o permitis vós, mulheres portuguesas reclamando junto do ministro do Interior o internamento imediato de Georgete, ferrá-pum hospital.

OS OPERÁRIOS DA SOTANCO E DA BARROS & BARROS LUTAM CONTRA A EXPLORAÇÃO

Os patrões por todo o lado aumentam a exploração dos trabalhadores. Estes, porém, vão unindo-se cada vez mais e sempre que o fazem conseguem lutar victoriosamente contra os intentos do patronato. Assim aconteceu agora com as valentes operárias cerzeleiras da fábrica têxtil Barros & Barros, do Poço do Bispo, que no dia 27 de Junho resolveram não continuar a trabalhar de empilhada e face aos maneios e habilidades do patrão o ameaçaram tão firmemente de abandonar o trabalho que ele se viu obrigado a recuar, passando assim as operárias a trabalhar a fôrça.

Também na fábrica de vidros e cristais da Amadora (SOTANCO) os operários se levantaram em luta contra o vil desconto nos seus salários que o patrão lhes aplicava quando constantemente o forno se avariava e a produção linha que paralizar. Primeiro foram todos ao Sindicato para que este obrigasse o patrão a pagar-lhes quando isso voltasse a acontecer, mas como ali eles disseram que não estavam sindicalizados, foram pedir ao patrão para os sindicalizar imediatamente e que lhes pagasse mesmo quando houvesse avaria. Como o patrão tivesse recusado, todo o pessoal da fábrica lhe anunciou a disposição de abandonarem o trabalho, disposição essa que não diminuiu com as ameaças de prisão feitas pelo patrão e que acabou por o obrigar a prometer atendê-los na sua justa reclamação.

Os operários da SOTANCO lutam igualmente por um aumento geral de salários e um novo contrato colectivo com o Sindicato. Para o conseguirem terão que manter-se unidos e lutar com o mesmo afincamento que agora a fizeram. Da sua unidade e firmeza dependerá ainda que a promessa do patrão se transforme em realidade.

salazarismo por anos de luta), que encabeçou com mais 49 individualidades um apelo para a concessão de uma ampla amnistia e das liberdades fundamentais para todo o povo português, ergueu agora aos microfones de Rádio Clube Português uma veemente proclamação contra as armas termo-nucleares que o nobilita perante o povo e lhe aumenta o prestígio há muito alcançado entre a intelectualidade portuguesa e estrangeira.

Digno exemplo que não deixará de ser seguido e que vem continuar as declarações pacíficas de tantos outros, entre os quais Alexandre Cabral e António Ramos de Almeida («Jornal de Notícias»), de Maria de Carvalho («Diário de Lisboa»), de Pereira da Rosa («O Século»), de Dinis Bordalo Pinheiro («Jornal do Comércio»), etc. Este último, no dia 18 de Junho, escreveu num seu artigo: «Aos pais e às mães de Portugal, aos corações onde está viva a chama da generosidade e a luz do senso comum, aos responsáveis pelos destinos nacionais que têm a sua parte na responsabilidade dos destinos do Mundo, dirigimos deste modesto lugar, com o mérito bastante da sinceridade, um apelo formal para que o nosso País tome no movimento mundial contra as experiências nucleares de intuídos destruidores a posição que o dever cristão impõe sem demora». E a terminar: «Cada consciência humana tem neste caso um dever a cumprir. O tal não faltem em Portugal as consciências responsáveis desse dever fundamental».

A intelectualidade portuguesa coloca-se assim abertamente ao lado da luta mundial contra as experiências atómicas e as armas de extermínio em massa.



AS "QUEIMAS DAS FITAS DOS ESTUDANTES" TRANSFORMARAM-SE EM NOVAS JORNADAS DE LUTA

A luta dos estudantes contra o decreto salazarista 40.900 não terminou. Nem os exames, nem o encerramento da Assembleia Nacional sem nova discussão do projecto de lei tornaram menos vivo no seu espírito a repulsa contra a manobra governamental e a demagogia do ministro Leite Pinto. Mas também este, frente à unidade combativa dos estudantes tudo faz para os dividir, para encontrar os melhores apoios que a maquina de propaganda fascista espalhará como bom entendimento entre o ministro e os estudantes.

Foi assim que Leite Pinto foi ao Porto assistir à «Queima das Fitas», fazer-se fotografar no meio dos estudantes e fazer-lhes discursos de «camaradagem», enquanto mandava proibir a saída para o campo de um carro de engenharia que representava um enorme perigo para cada um estudante arrepassado o decreto! Depois procurou ir o Coimbra e, como a Assembleia das Comissões da «Queima das Fitas» resolvesse não o convidar, levou a direcção da Associação Académica a fazê-lo. Esta, porém, apesar de ter dirigido convites para a presença de toda a Academia e de todos os organismos académicos, incluindo as «Republicas», com os seus estudantes, não viu na estacão nenhuma organização académica e apenas 2 das 15 «Republicas». O ministro não desistiu e resolveu comparecer no alimoço de confraternização dos estudantes. Estes, que o não tinham convidado, resolveram ignorar a sua presença e

não ouvir a sua discursata e, por isso, conforme iam comendo, iam saindo, a tal ponto que levaram o ministro a declarar que permitia a saída, o que deu lugar a uma debandada geral. O mesmo espírito animou ainda os estudantes no sarau onde, ao ser pedida uma salva de palmas para a entrada do ministro, quase ninguém aplaudiu. Ao livrem o apoio dos espectadores não-estudantes, que já sabiam da posição dos estudantes através das inscrições que apareciam nesse dia por toda a cidade dizendo: «Não recebemos o Leite Pinto!», «Abaixo o decreto anti-académico!», «Leite Pinto é inimigo dos estudantes!», etc.

Firmes e unidos os estudantes mantêm-se assim em luta contra a demagogia salazarista e não deixarão de alcançar a vitória total sobre o odiado decreto de Leite Pinto.

OS EXERCÍCIOS DA LEGIÃO SÃO PREPARATIVOS DE REPRESSÃO ARMADA

O salazarismo, prossegue no seu intento de fazer da Legião uma força fanatizada do tipo das S. A. de Hitler, que juntamente com a PIDE, a C.N.R. e outras forças repressivas, completa o aparelho demoiador de todas as manifestações de descontentamento popular. Os exercícios de quase mil legionários realizados em Torres Vedras nos dias 22 e 23 de Junho confirmam isto.

Os exercícios foram realizados na base de um «tema» que podemos resumir assim: trata-se da repressão armada a um levantamento popular, naquela região, instigado por «provocadores estrangeiros». O referido «tema» caracteriza a situação desta maneira: «*têm sido afixados cartazes e distribuídos panfletos, incitando a população a não trabalhar. A imprensa clandestina tem roturado de ostentação. Desde o dia II, começaram a sentir-se os efeitos desta agitação nalgumas regiões já se registaram acontecimentos de certa gravidade entre as forças de segurança pública e os agentes provocadores.*»

Do que do «tema» resumimos e citamos e ainda das elusões que nele são feitas a «inimigos do Pacto do Atlântico», «lançamento de paraquedistas», «elementos estranhos à população armada com granadas e armas automáticas» e a própria designação de «provocadores estrangeiros» põe-nos as preocupações do salazarismo e os seus planos para o futuro. Em primeiro lugar, os salazaristas prevendo que a sua política de mistéria e repressão leva as massas trabalhadoras a grandes greves e importantes levantamentos (as pequenas e grandes lutas da classe operária e dos camponeses doentes, de facto, um índice do seu descontentamento) estão treinando [abrilmente todas as forças repressivas e entre elas os legionários para o sufocamento sangrento dessas manifestações. Em segundo lugar, com os epítetos que ali são salientados, de «provocadores estrangeiros», etc.

PLENO DO C.C. DO P.C.U.S.

(continuação)

dos irmãos no sentido de preservar intransigentemente a sua unidade interna, ce aplicar com toda a firmeza os princípios leninistas que constituem a sua força e invencibilidade.

A Resolução do Pleno do C.C. do P.C.U.S. enriquece a experiência do movimento operário internacional, ensina a levar à prática, sem desfechamentos, a luta contra as deficiências e erros praticados e a extirpar pela raiz as suas nefastas consequências, ensina a aplicar efectiva e consequentemente o método do trabalho colectivo.

A Resolução do Pleno do Comité Central do P.C.U.S., ao afastar do Presidium do Comité Central, do Secretariado do Comité Central e dos seus cargos no Governo os elementos do grupo anti-partidário, constitui uma decisiva contribuição para o fortalecimento ainda maior das fileiras do Partido Comunista da União Soviética, para a coesão da sua direcção leninista, para a unidade inquebrantável do campo socialista mundial.

Contra estas realidades de tão profundo significado e alcance se quebram as calúnias e as especulações da reacção, que pretendem precisamente esconder o usurpar a importância destas medidas e provocar dúvidas e vacilações.

Mais uma vez uniam as forças novas, ardenças de Vida e de Futuro. Como em todas as coisas, tudo o que é caduco, incapaz de acompanhar o progresso e o espírito criador das massas, está fatalmente condenado a submeter-se às leis da própria vida.

MAIS ACTOS E MENOS PALAVRAS

Sob a sua camarilha continuam a ser que as colónias são províncias, onde não existe qualquer discriminação racial, onde todos gozam de direitos iguais. Desejaríamos que as afirmações correspondessem aos actos e os factos. Estes são, porém, muito diferentes.

Num relatório oficial do ex-governador do distrito de Moçico, Angola, Dr. Jacinto F. Rodrigues Basto, com data de 6 de Março de 1956, é dito que em Angola o indígena recebe 90000 nos trabalhos públicos (reparação, públicos) e 150000 nas empresas particulares, ambos por mês e com comida. É dito que se obriga os indígenas a trabalhar nas estradas do distrito sem remuneração, que «não se reconhece ao indígena a qualidade de comerciante». É dito que «ao mesmo tempo que se convencionou edificar ao tratamento de Rainha-soba-N'Tlacatolo, há funcio-

nários no distrito, simples chefes de postos, que têm castigado, com centenas de palmatoadas, autoridades gentílicas...» É dito que a alimentação do indígena «é hoje mais pobre do que era há um século» e que a sua educação é, no geral, o que era no tempo da ocupação. É dito que o sistema de recrutamento de trabalhadores «destrói os laços de família, prostitui a mulher nos locais de trabalho, diminui a natalidade... dizime os trabalhadores... pulveriza, em suma, a sociedade indígena».

Que nos diz isto? Que o negro é tratado como uma coisa e não como um ser humano, que a discriminação racial aparece aqui com toda a clareza, que o colonialista branco é o senhor, o dono, e o negro é na sua própria terra o escravo. Para os colonialistas portugueses, conforme o jornal «O Século» num dos seus números de Junho de 1956:

«O branco serve para dirigir, para orientar, para organizar. O negro tem por missão executar...»

Nós, comunistas, pensamos de forma absolutamente diferente. Nós consideramos o negro das colónias portuguesas de África possui todas as qualidades para dirigir, orientar e organizar a sua própria vida de uma maneira livre e independente, e estamos certos que o fará num futuro não muito distante.

A classe operária, todos os trabalhadores portugueses devem procurar por todas as formas ajudar os povos das colónias portuguesas a construir a sua própria vida, a organizarem-se para a luta contra o inimigo comum: o imperialismo. Para já importa desmascarar com toda a energia e por todas as formas ao nosso alcance a demagogia salazarista em relação às colónias, exigindo que as palavras se transformem em actos, que se fale menos em direitos mas que se concedam os direitos na prática. Que se fale menos em liberdade e que se fale antes a liberdade efectiva aos naturais das colónias portuguesas. Que, por exemplo, por trabalho igual se pague salário igual.

PARA SOBREVIVER...

(continuação)

julgam melhor servir os interesses de Portugal e do povo português, nós pensamos ser absolutamente possível e de desejo um entendimento para derrubar o principal obstáculo que o impede—Salazar e o seu governo. Como republicanos, faremos tudo para o conseguir.

Salazar e o seu regime são fascistas

No citado discurso, Salazar fez uma tentativa mal agendada para convencer os seus acusadores de que também noutros países se limitava as liberdades. Em Portugal não se limitam as liberdades pelo simples facto de elas não existirem. Em Portugal domina uma ditadura fascista, pessoal. E Salazar quem decide tudo. É ele que nomeia e demite, incluindo os dirigentes do partido fascista, União Nacional.

Salazar mais uma vez atribuiu todas as males aos partidos políticos e negou a sua utilidade. Se ele tivesse dito o contrário é que seria de admirar.

A supressão dos partidos políticos em Portugal e a sua não existência tem sido apenas um bem para os elementos reaccionários do capital financeiro que Salazar representa e serve no governo. Para a classe operária, para todas as classes laboriosas, para a burguesia não monopolista a supressão dos partidos políticos significou o fascismo, a supressão de todas as liberdades democráticas, a expolição acrescida e a ruína lenta, mas segura.

Não se sentindo responsáveis perante o opinião pública, não estando sujeitos à crítica e controle de quem quer que seja, os ministros salazaristas têm-se servido bem, servindo melhor quem lhes paga.

Os partidos políticos representam classes, sectores económicos, representam massas cujos interesses se identificam. Por isso, os seus representantes, onde quer que se encontrem, estão sempre sujeitos ao controle e à crítica dessas classes, desses sectores, das massas.

Estão acaso Salazar e os seus ministros sujeitos a qualquer controle e a qualquer crítica pública? São eles responsáveis perante os representantes do povo? Não. Eles nem sequer são responsáveis perante a Assembleia Nacional fascista. E isto é um mal porque assim todos os crimes, todas as roubalheiras, todas as ilegalidades, todos os atentados contra os interesses da Nação cometidos pelos ministros e outros gráudos da ditadura ficam impunes e até no desconhecimento público.

A existência do fascismo em Portugal é, pois, uma enormidade. Mas não obstante isso Salazar, embora queira fugir ao nome, procura justificá-lo e mantê-lo.

Os factos tornam mais uma vez claro que não há que ler quaisquer ilusões no governo de Salazar. Ele procurará nos próximos actos eleitorais manter a mesma situação e orientação. Isto coloca a necessidade de se organizar um largo movimento eleitoral de massas, na base da mais ampla unidade de todas as correntes anti-salazaristas, porque só por meio da luta das massas se impoem soluções favoráveis à causa da democracia e se modificará, por fim, o governo e o regime salazaristas.

RÁDIO MOSCOVO

Transmite para Portugal, todos os dias, das 22 h. às 23.30 pelas ondas de 19,55 e 26 metros e das 23 h. às 23.30 em 20,55 e 27 metros.

A FÁBRICA PORTUGAL SOB O PESADELO DA "PRODUTIVIDADE"

Aproveitámos a hora do almoço para conversarmos com um dos operários da empresa onde cerca de 500 homens trabalham diariamente.

— Ora, pior do que a coisa por cá?
— Ora, pior do que nunca!
— Porque? Tem havido despedimentos?
— Não, nada disso. A coisa é bem pior porque trata-se de nós maltratar lentamente. Já ouviu falar de barómetros, ou cronómetros ou lá o que é? Pois agora andam cá uns senhores com esses relógios em punho e querem que a gente trabalhe até ruberter. Numa secção onde estavam 11 a trabalhar ficaram 5. Ficaram 6 a fazer o mesmo trabalho que onze!

Não podemos deixar de dizer: — Então o que fizeram aos 5? Foram para a rua?

— Por enquanto não. O que eles querem é produzir o dobro com o mesmo pessoal. E está a ver, fazendo o dobro vendem o dobro e ganham o dobro. Assim é que se veio as coisas. Falam num prémio, mas até agora os que têm estado a trabalhar o dobro não têm recebido. E se o chegarem a dar lá, se sabe o colume: é só nos primeiros tempos; depois volta tudo à mesma como dantes.

Respondemos: — à mesma só no salário porque no trabalho continuam no mesmo ritmo acelerado. O que pensam fazer por cá neste nova situação?

— Ora, eu por mim já sei. Faço o mesmo que fazia, nem mais nem menos. Sabe que há lá alguns colegas que têm a culpa também. Quando vêm os homenzinhos dos cronómetros ao pé da banca dão tanta mexa nos dedos que nem sei como não os queimam! Estes é que tornam tudo mais difícil. Voltámos a interrompê-lo:

— Lá isso é verdade. Mas deixe lá que depressa se convertemos eles mesmos que isso não é bom, pois não só prejudicam os colegas como se prejudicam a eles, pois uma vez, o patrão exige que os façam sempre. E, quanto ao prémio... Você já disse como era. E sabe o fim o resultado de tudo? É trabalharem muito mais e ganharem o mesmo ou quando muito um pouquinho mais que nada compensa o esforço feito.

— Para mim quem lucrava com tudo isto são os tais senhores dos barómetros, os que estão a ganhar uma quantidade de contos por mês.

— Sim, respondemos. Parte lá para eles. Mas não tenha dúvidas de que a maior parte desse lucro vai para os cofres dos donos da Fábrica Portugal. Por isso agora que vos obrigam a trabalhar mais é que era a altura de vocês se unirem todos e pedirem para ganharem mais. Os lucros do patrão aumentam, também podem e devem aumentar os vossos salários.

PORTUGAL E OS PAÍSES DO SOCIALISMO

Os homens do governo, a imprensa e o rádio ao seu serviço criaram caluniosamente à URSS intencionalmente agressivos.

Perguntámos: Acaso a URSS, ou qualquer outro país socialista, tem ameaçado Portugal? É acaso a URSS que tem bases militares em território português?

A URSS, a China e todos os países socialistas têm feito propostas consecutivas tendentes a diminuir a tensão internacional e a garantir a paz. Têm declarado vezes sem conta que estão prontos e desejosos de manter relações comerciais com todos os países na base de plena igualdade e de vantagens mútuas.

Perguntámos: Que respostas deu até hoje o governo português a tudo isso? Fez alguma tentativa com vista a procurar concretizar em particular as propostas soviéticas? Procurou saber quais as condições em que podia encetar relações comerciais com tão grande país? Não. O governo de Salazar não deu até hoje um único passo positivo nesse sentido. Ao contrário, ele não pode ouvir falar em coexistência pacífica, em pactos de paz, em relações normais com países com sistemas sociais diferentes.

Mas se acaso a causa das despesas astronómicas com as forças militares derivam de mal entendidos entre a URSS e Portugal, entre a China e Portugal ou entre Portugal e todos os países socialistas, porque não manda o governo português os seus governos desses países no sentido de, por exemplo, se estabelecerem negociações com vista a assegurarem-se garantias mútuas? Não seria isto uma forma positiva que prava um desejo de entendimento? E se essas negociações chegassem a bom termo não poderia Portugal diminuir substancialmente as suas despesas militares e encontrar um enorme mercado para todos os seus produtos de exportação em troca de produtos de que precisa?

Também em discursos dos governantes salazaristas e na imprensa e rádio se diz constantemente que na URSS reina o descalabro, a miséria, a fome, a completa ausência de liberdade, etc.

Perguntámos: Porque se não dá plena liberdade a todos os portugueses que queiram e possam de ir ver com os seus próprios olhos tudo isso? Não seria isto uma forma de se comprovarem as afirmações dos governantes e da imprensa ao seu serviço? Não seria útil para Portugal e os países socialistas que os seus povos se comessem a conhecer de maneira directa?

Para começar poder-se-ia, por exemplo, procurar trazer a Portugal um grupo artístico popular soviético e enviar à URSS um dos nossos ranchos populares mais característicos. O Ballet soviético tem sido visto em quase todas as capitais da Europa, porque não se procura trazer também à nossa capital, enviando nós à URSS o que temos de mais característico no campo artístico? Não seria justo aceitar os convites feitos pela URSS, Checoslováquia, Polónia e Romenia à Federação Portuguesa de Futebol para que a equipa nacional de futebol se deslocasse a esses países?

O que é preciso é começar.